

INVERNO

A chuva cai, alaga o chão, encharca os ventos;
Ventos, velas fantasmas que vêm perdidas do alto mar.

A noite faz muito tarde.

Pobres ventos sem trabalho,
Expulsos dos moinhos, dos navios,
Desembarcados no primeiro porto,
E que vão pelas ruas vazias
Batendo às portas num clamor de rajada,
De lamento e revolta.

A noite ressuscita o silêncio em todos os rumores.

Inverno!
Água que canta nas sarjetas,
Perdoe, água mendiga.

No meu quarto sem conforto
Penso nas horas que passaram,
Abro um livro sobre meus joelhos.

A alma de meu avô vem pela sala deserta
Sentar-se ao pé de mim sobre o meu leito

O meu bonito avô Manuel Antônio.